

## **A Linguagem Afectiva e Estética**

“Finalmente, há que rever o próprio conceito de cultura, que é fulcral na constituição de um discurso simbólico.

Utilizada por todas as políticas como uma área que abrange objectos, obras e temas que são propriedade de um determinado grupo do qual se tem apenas uma visão estática (uma espécie de depósito a que se vai buscar obras de culto ou chavões de identidades fabricadas), a cultura deve ser pensada como um sistema de inter-relações dos membros do grupo – entre si, mas também entre as suas práticas e memórias – e não como um armazém ou um banco de dados; um horizonte em permanente revisão e reconstituição, onde também cabem aspectos variados das vidas das comunidades ou dos grupos.” (Ribeiro, 2009, pp. 21,22)

Como nos diz António Ribeiro, é imperativo que as políticas culturais promovam discursos democráticos, numa linguagem afectiva que sensibilize as comunidades para os seus patrimónios tangíveis e intangíveis e a partir deles se construa individualmente sentimentos de cidadania e respeito pelos nossos pares sociais.

O meu objectivo com esta reflexão, não está apenas dependente das questões tecnológica, política actual, situação económica, evolução da museologia como ciência a partir do último quartel do século XIX. Prende-se, em absoluto, com o desenvolvimento de um processo de análise a esta fase de aprendizagem, decorrente da minha actividade dos últimos anos, assente num argumento gnóstico que pressupõe despir de qualquer tipo de dependência empírica para explicar o que é ou deve ser o restauro ou a conservação. Não é sobre a fé – pessoal ou colectiva – num movimento, numa metodologia, num processo, numa técnica. É uma estratégia para manter a memória num perpétuo estado de movimento, exigindo, sem dúvida, bastante auto-confiança e uma inegável audácia de pensamento e tenacidade de convicções.

Sabemos que não pode ser só isto, isto de andar por cá sem haver mais, mas não sabemos mais nada.

Acreditamos que haverá eternidade, algo que nos permita ser para além do ser. Algo que nos permita acreditar para além do viver. Alguns de nós acreditamos num Deus,

outros num Buda<sup>1</sup>, outros no poder da Lua, dos Astros que observamos à noite, outros em Entidades repletas de energia.

Somos humanos, perecíveis mas cheios de dúvidas e medos do caos ou da ordem.

Trabalho e actuo sobre a crença pessoal e colectiva, interponho técnicas e materiais entre o que vejo, sinto ou toco. Do resultado, mostro o que a minha arte e talvez a minha visão de uma parte do todo que não me pertence mas que agarrei para mostrar que afinal somos múltiplos, únicos e insubstituíveis.

Para mim, creio no Belo, na Cultura, no que criamos, porque no fundo a nossa Pedra Filosofal existe em cada um de nós.

Cabe ao museólogo que pela técnica e conhecimentos adquiridos, se prolonga à comunidade, ministrando e comunicando com o ente social que estabelece vivências, crenças... memórias.

É interessante a perspectiva desenhada por Petra Alonso-Geta<sup>2</sup> sobre as bases bioantropológicas da educação estética, ou seja, o processamento da informação nos dois hemisférios cerebrais.

Há uma distinção funcional entre os hemisférios direito e esquerdo. Por exemplo: no que diz respeito às respostas perceptivas. Pode afirmar-se que o hemisfério esquerdo é predominantemente auditivo e o direito predominantemente visual. Outra diferenciação funcional interessante é a que respeita à assunção pelo hemisfério esquerdo da linguagem acústica, da expressão oral linguística, da conceptualização, da ordenação de categorias e da análise; e pelo hemisfério direito, da vocação espacial, sintética, oposicional, linguística e visual. No que se refere às funções emocionais, o hemisfério direito é superior ao esquerdo. A consciência de si mesmo está associada ao hemisfério esquerdo, que é o que possui a capacidade linguística e de comunicação. Não é que o hemisfério direito não esteja ligado à consciência do "eu", mas a falta de expressão linguística submete-o à incomunicação. É o intercâmbio com o hemisfério direito, através do corpo caloso, que o torna consciente de si mesmo. Segundo Geta, há duas formas de pensamento, as quais têm uma fase

---

<sup>1</sup> Buda (sânscrito-devanagari: बुद्ध, transliterado *Buddha*, que significa *Desperto, Iluminado*, do radical *Budh-*, "despertar") é um título dado na filosofia budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenómenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. "A verdadeira natureza dos fenómenos". Tornando-se consciente das características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. Actualmente, as referências ao Buda referem-se em geral a Siddhartha Gautama, mestre religioso e fundador do Budismo no século VI a. C.

<sup>2</sup> Pedagoga.

fisiológica. A organização dos contactos do cérebro humano com a cultura deve respeitar essa especialização funcional dos dois hemisférios cerebrais. Assim, na nossa cultura ocidental somos produto de um sistema em que se recompensam as habilidades do cérebro esquerdo, os processos lineares, analíticos e verbais, perdendo-se por vezes a oportunidade de desenvolver algumas das capacidades e dos estilos de aprendizagem próprios do hemisfério direito. Todavia, os educadores valorizam nos alunos qualidades como:

- A imaginação
- A percepção
- O gosto pelo estético
- A intuição

Em que o hemisfério direito receba deles qualquer atenção. Não é frequente encontrar cursos de intuição, percepção espacial, imaginação, etc. Consequentemente, o cérebro direito, o imaginativo, o estético, perde-se quase totalmente no nosso sistema educativo.

Os valores estéticos são da maior importância educativa. A humanidade necessita da beleza como 'do pão'. É, para ela, uma necessidade essencial. Os primeiros vestígios da presença e da actividade do ser humano sobre a Terra comprovam o culto humano da beleza! Esta deve fruir-se - gozar-se, desfrutar-se -, criar-se e pensar-se. A Estética é a disciplina que tem por objecto formal a reflexão sobre a beleza.

É no quadro da Estética que a beleza é pensada e no quadro da Arte que é realizada e fruída.

A linguagem estética deve visar preparar o receptor para a totalidade da experiência humana estética. Devendo incluir três componentes: a fruição, a criação e a reflexão.